

CASO DE ENSINO

Um banco para todos?

Angelo Miguel de Barros

Caixa Econômica Federal, Rio de Janeiro / RJ - Brasil
Fundação Getúlio Vargas (FGV EBAPE) /
Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Rio de Janeiro / RJ - Brasil

Eduardo de Jesus Prado Junior

Caixa Econômica Federal, Rio de Janeiro / RJ - Brasil
Fundação Getúlio Vargas (FGV EBAPE) /
Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Rio de Janeiro / RJ - Brasil

Renato Silva Siqueira

Caixa Econômica Federal, Rio de Janeiro / RJ - Brasil
Fundação Getúlio Vargas (FGV EBAPE) /
Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Rio de Janeiro / RJ - Brasil

Rodrigo Luiz Sias de Azevedo

Fundação Getúlio Vargas (FGV EBAPE) /
Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Rio de Janeiro / RJ - Brasil
Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Rio de Janeiro / RJ - Brasil

Thiago Gomes do Nascimento

Caixa Econômica Federal, Rio de Janeiro / RJ - Brasil
Fundação Getúlio Vargas (FGV EBAPE) /
Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Rio de Janeiro / RJ - Brasil

Caso de ensino
submetido em 26 de dezembro
de 2023 e aceito para
publicação em
01 de julho de 2024.

DOI
<https://doi.org/10.12660/reta.v1n1.2024.91481>

RESUMO

Este caso de ensino aborda o dilema enfrentado pelo recém-eleito presidente de Utopia quanto ao futuro do principal banco público do país. Em meio a uma nação dividida e polarizada, muito se fala a respeito do dilema *privatização x estatização*. Nesse processo, o presidente de Utopia decide aprofundar seu conhecimento em correntes de pensamento tradicionais para encontrar o melhor caminho para o futuro do banco público, chamado Banco X. O caso apresenta características marcantes do pensamento marxista e keynesiano, além de explorar alguns dos principais pensadores do liberalismo, como Adam Smith e Friedrich Hayek. Aborda-se, também, a relevância de uma instituição financeira na execução de políticas públicas e seus efeitos no apoio à gestão econômica de um país.

PALAVRAS-CHAVE: Privatização. Estatização. Políticas públicas. Polarização.

Is it a bank for all?

ABSTRACT

This teaching case addresses the dilemma faced by the newly elected president of Utopia regarding the future of the country's main public bank. Amid a divided and polarized nation, much is said about the privatization vs. nationalization dilemma. In this process, the president of Utopia decided to deepen his knowledge of traditional schools of thought to find the best path for the future of the public bank, called Bank X. The case presents striking characteristics of Marxist and Keynesian thought, in addition to exploring some of the main thinkers of liberalism, such as Adam Smith and Friedrich Hayek. It also addresses the relevance of a financial institution in implementing public policies and its effects in supporting the economic management of a country.

KEYWORDS: Privatization. Nationalization. Public policies. Polarization.

¿Un banco para todos?

RESUMEN

Este caso didáctico aborda el dilema que enfrenta el recién elegido presidente de Utopía respecto al futuro del principal banco público del país. En medio de una nación dividida y polarizada, mucho se habla sobre el dilema privatización vs. nacionalización. En este proceso, el presidente de Utopía decide profundizar su conocimiento de las escuelas de pensamiento tradicionales para encontrar el mejor camino para el futuro del banco público, llamado Banco X. El caso presenta características llamativas del pensamiento marxista y keynesiano, además de explorar algunos de los principales pensadores del liberalismo, como Adam Smith y Friedrich Hayek. También aborda la relevancia de una institución financiera en la implementación de políticas públicas y sus efectos en el apoyo a la gestión económica de un país.

PALABRAS CLAVE: Privatización. Nacionalización. Políticas públicas. Polarización.

AQUI COMEÇA A NOSSA JORNADA...

Em uma terra não muito distante, havia um país belo, belíssimo, chamado Utopia. País de riquezas naturais incontáveis, abundância e muitas possibilidades. O mundo acreditava ser esse o país do futuro, mas como em toda grande fábula, o futuro se constrói com o presente, e o que se via não era exatamente “mil maravilhas”.

FIGURA 1 A bandeira nacional do bellissimo país chamado Utopia



FONTE: Elaborada pelos autores.

Em que pesem todas as riquezas naturais e culturais, as discrepâncias sociais se destacavam ao escancarar uma triste realidade: muitos com pouco, poucos com muito. Para onde se olhava, era possível observar dicotomias. Privilégios se misturavam com a pobreza que aumentava, o desemprego assombrava todos, e o mundo das ideias distanciava-se da realidade.

FIGURA 2 O contraste social de Utopia



FONTE: Queiroz e Quintella (2024).

A população se via dividida em duas partes: de um lado, os menos favorecidos, acreditavam ser necessário aumentar a distribuição de renda, criar políticas de equiparação social e socialização dos meios de produção. Além disso, medidas assistencialistas precisavam

ser implementadas. A igualdade era o lema deles e o Estado seria o seu promotor. No lado oposto, existiam aqueles que acreditavam que a sociedade seria melhor se as pessoas tivessem ampla liberdade para tomarem suas decisões individuais. O Estado teria participação mínima nos assuntos econômicos e sociais, e as pessoas teriam pleno direito sobre sua propriedade. O indivíduo seria a principal fonte de mudança da sua condição primária, e a liberdade era a bandeira levantada.

Estudiosos e intelectuais dividiam tais grupos em “direita” e “esquerda”. Os termos teriam origem na França, durante a Revolução Francesa, com os girondinos e os jacobinos. Os girondinos eram assim denominados em função da região administrativa francesa da qual seus membros eram originários, e seu grupo era composto por integrantes, em sua maioria, da classe mais alta da burguesia. Durante a Assembleia Nacional Constituinte Francesa (1792-1795), o lado direito do plenário era destinado a eles. Acreditavam que as mudanças sociais deveriam acontecer de forma moderada e gradual, respeitando as tradições e os costumes. De origem rural e menos abastada financeiramente, os jacobinos representavam os pequenos burgueses e o proletariado urbano e assumiam posturas mais radicais em defesa das classes oprimidas. A eles, era destinado o lado esquerdo do plenário, e tinham como pauta principal as reformas sociais e o fim dos privilégios. Acreditavam que a mudança deveria acontecer de forma revolucionária e com o uso da força contra quem se impusesse ao movimento.

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência, ou não... Dessa forma, para não fugirmos ao tema, voltemos aos problemas que assolavam a população de Utopia.

Após eleições conturbadas e apertadas, para surpresa de todos, nem um lado nem outro saiu vitorioso, e o país elegeu presidente o pouco expressivo sr. “Nem-nem”.

Sr. Nem-nem foi um candidato com discurso moderado, sempre atento a todos os pontos de vista, conduzindo sua campanha com o compromisso de escutar todos e buscar a melhor alternativa entre todas as visões possíveis, para além do calor político e das caixinhas que separavam a população.

A verdade é que ninguém ficou verdadeiramente satisfeito com a eleição do sr. Nem-nem, porém todos estavam aliviados, afinal não havia perdedores (mas também não existiam ganhadores). É aqui que começaram os desafios do novo presidente.

Sr. Nem-nem não foi uma opção; foi a falta dela. Em uma eleição polarizada, sr. Nem-nem não possuía viés político definido, não se considerava de esquerda ou de direita. Dizia ser alguém sensato e focado no resultado, independentemente da origem da proposta. Isso fez com que uma parte considerável da população depositasse nele um olhar esperançoso (e o voto nas urnas, para sua alegria).

Entre todos os desafios, o que mais preocupava o então presidente Nem-nem seria a parte econômica. Sr. Nem-nem tinha pouca familiaridade com a matéria e, para completar, não havia ninguém de sua confiança para conduzir a pasta no ministério. Durante sua campanha, um assunto foi pauta constante nos debates econômicos: a privatização dos bancos públicos, em especial, do principal banco operador das políticas públicas do governo: o Banco X.

O Banco X nasceu com o foco de ser um banco sobretudo voltado para pessoas de baixa renda. Espalhado por todo território, era o banco com maior número de clientes do país, principalmente daqueles que não possuíam acesso a outras instituições financeiras.

Durante o período de campanha eleitoral, a história do Banco X e, principalmente, seus resultados foram esmiuçados pelos candidatos da esquerda, o sr. Canhoto, e pelo candidato da direita, o sr. Patriota.

Sr. Patriota costumava dizer, em suas interações com a imprensa, que o Banco X possuía grande potencial para gerar resultados melhores, mas, por ser público, era prejudicado. Sr. Patriota, a todo momento, comparava o resultado do Banco X com outros bancos privados. Para ele, a privatização era o caminho para o aumento da eficiência.

Para o sr. Patriota, a conta era simples: a privatização do Banco X (ou pelo menos a abertura de seu capital, mesmo que o governo ainda ficasse com o controle) implicaria entrada de capital privado, e permitiria o acesso a recursos dos acionistas, melhoria da gestão e governança, afinal, estariam obrigados a apresentar regularmente seus resultados aos seus investidores, e, é claro, menor intervenção política na instituição. Quando perguntado sobre as ações sociais do Banco X, caso fosse privatizado, o sr. Patriota dizia que tudo era uma questão de o mercado se autorregular e que, caso fosse necessário, o governo poderia, no máximo, dar algum incentivo ou estímulo, que todos os bancos privados competiriam por esse estímulo e, assim, as ações sociais (aquelas estritamente necessárias, já que o governo deveria se intrometer o mínimo possível) seriam executadas de forma mais eficiente do que por um banco público.

Já o sr. Canhoto, quando indagado sobre o Banco X, dizia que era um absurdo pensar em lucros como o sr. Patriota vinha defendendo. Dizia que a função do banco público era executar as políticas do governo, não havendo espaço para competição no mercado privado e que, por isso, o Banco X deveria focar seus esforços nas políticas sociais, que não atraem a atenção dos bancos privados, e que, por isso, não haveria de se falar em privatização do Banco X.

O sr. Canhoto dizia que pensar em lucro para o Banco X, quando a população de baixa renda estava em situação econômica precária, era como se o governo estivesse explorando a camada menos favorecida da população: “Todos precisam contribuir”, dizia o sr. Canhoto, “e o Banco X precisa ser o primeiro a dar o exemplo”, continuava.

Diante desse dilema acerca de o que fazer com o Banco X e de qual seria a diretriz de seu governo para o banco, o sr. Nem-nem teve uma ideia, a princípio interessante, mas como veremos ao longo de nossa história, nada brilhante: chamaria o sr. Canhoto e o sr. Patriota para uma conversa. A ideia do sr. Nem-nem era que talvez pudesse existir um meio termo para o Banco X, de forma que sua imagem não ficasse associada ao sr. Canhoto e/ou ao sr. Patriota, afinal, ele queria unir um país que estava extremamente dividido e para isso deveria mostrar ser possível agregar ideias. Na verdade, ele tinha bastante preocupação em não ferir sua popularidade, pois ele havia sido eleito em um movimento de protesto de uma parte da população contrária à polarização. Por isso, adotar uma política que fosse ao encontro de uma das políticas do sr. Canhoto ou do sr. Patriota poderia trazer-lhe problemas.

O Sr. Canhoto e o Sr. Patriota chegaram à capital para conversar com o sr. Nem-nem (cada um sem saber que o outro estaria presente). Foi idealizado um debate amplo entre eles para que cada posição fosse colocada e, ao fim, o sr. Nem-nem conseguisse optar pela melhor proposta para o Banco X.

Apesar das diferenças de posições entre o sr. Canhoto e o sr. Patriota, em uma coisa suas ideias convergiam: ambos entendiam que o Banco X produzia grandes resultados. Agora, será que existe alguma conexão entre o resultado financeiro de uma privatização e o resultado social da aplicação de políticas públicas?

MAS, AFINAL, VOCÊ SABE COM QUEM ESTÁ FALANDO?

Antes de seguirmos com nossa jornada pelas intempéries de Utopia, o leitor mais curioso pode indagar: afinal, de onde surgiram os “heróis” desta história? É claro que nós, perspicazes contadores de história, não deixaremos vocês com essa pulga atrás da orelha. Pois bem, vamos lá.

Para além dos romances banais, cujos herói têm origem humilde, passam por provações roteirizadas, como nos filmes hollywoodianos, seguindo, diga-se de passagem, a famosa “jornada do herói”, confeccionada pelo brilhante escritor Joseph Campbell (2003), a verdade é que em Utopia a coisa era bem mais sem graça.

Em comum, nossos heróis (ou seriam anti-heróis?) possuíam uma origem bastante semelhante: todos nasceram em famílias de classe média, sem qualquer expressão em suas comunidades. Todos tiveram acesso a educação razoável, possuíam famílias estruturadas e tiveram infância equilibrada. Nada poderia ser mais sem graça que o passado deles.

É exatamente aqui que mora a beleza dos nossos personagens: eles eram pessoas comuns, no dito popular, “gente como a gente”. Não foi o passado sofrido ou o local de nascimento de cada um que moldou suas intelectualidades. Foram suas escolhas diversas ao longo da vida que assim o fizeram, impregnando em cada um deles uma visão de mundo própria.

FIGURA 3 Presidente da República, o sr. Nem-nem



FONTE: Elaborada pelos autores.

Começamos pelo mais sem graça de todos: o sr. Nem-nem. Boa praça, boa aparência e boa comunicação. E ponto. Apenas isso. É daqueles que todos gostam, mas ninguém exatamente ama. Passou a vida nem sendo o pior nem o melhor da turma. Nem alegre demais nem melancólico demais. Talvez por conta disso, nunca tenha se preocupado com a opinião alheia, afinal, transitava bem por todos os locais que precisava. Com a chegada das redes sociais, decidiu falar sobre trivialidades de sua vida cotidiana, sempre de forma leve e despreziosa. Nunca se envolveu em polêmicas ou debates profundos. A constância de suas publicações *on-line* fez com que aprendesse como funcionava as entranhas dos algoritmos das redes sociais. Passou a ter muitos seguidores, o que atraiu os olhares dos partidos políticos, ávidos por audiência, independentemente de quem fosse.

Despretensioso como só ele, resolveu aceitar um desses convites para entrar em um partido, apenas por diversão. Escolheu o partido de centro, chamado TODOS, conhecido pela sua habilidade de conciliação, realização de acordos e, digamos, flexibilidade intelectual. Não defendiam nem o capitalismo nem o socialismo. A verdade é que mais importava estar lá, no seio do poder, do que se posicionar e sair dele. Assim, o sr. Nem-nem começou sua carreira política, e, sem perceber, estava no topo do poder de Utopia: a presidência da República.

FIGURA 4 Sr. Canhoto



FONTE: Elaborada pelos autores.

Já o sr. Canhoto, esse não. Cansado de uma adolescência comum e pacata, incomodado com as mazelas que observava na vida (dos outros, diga-se de passagem), queria ser protagonista em alguma coisa na sua vida. Logo na faculdade, ingressou no curso de Ciências Políticas em uma dessas instituições federais de renome espalhadas por Utopia, e ficou maravilhado com o que viu por ali: ideias pulsantes e teorias brilhantes sobre como equacionar as grandes dificuldades da sociedade. Logo se viu incomodado com os problemas sociais estudados, mas em especial com relação às discrepâncias na distribuição de renda ao redor do mundo. Tudo muito bem embasado e explicado por seus professores. Percebeu ter tino para a coisa. Descobriu que, com um microfone em mãos, tinha um poder único: a oratória.

Encontrou nos pensadores de esquerda o alento para seus incômodos. Estudou, por anos a fio, o pensamento socialista. De Saint-Simon a Robert Owen, passando por Charles Fourier e Louis Blanc. Por fim, apaixonou-se por Karl Marx e Friedrich Engels, o que o levou, naturalmente, a preferir os dois últimos em detrimento dos primeiros. Viu, nos pensamentos de Antonio Gramsci, o reforço para suas convicções.

FIGURA 5 Referências do sr. Canhoto: os pensadores socialistas utópicos



FONTE: Fernandes (2014).

Sr. Canhoto tinha pressa, afinal, a fome e a pobreza não esperam. Não validava a abordagem dos socialistas utópicos (os primeiros), que acreditavam na implantação do sistema socialista de forma pacífica, lenta e gradual.

Logo se viu à frente dos movimentos estudantis em sua universidade, onde percebeu que o calor do debate o estimulava e o interessava. Mesmo antes de concluir a faculdade, decidira seguir a vida política. Não era afeito à violência explícita, mas estava convicto de que uma ruptura precisava acontecer.

FIGURA 6 Sr. Patriota



FONTE: Elaborada pelos autores.

Sr. Patriota seguiu um caminho diferente. Já ao sair do ensino médio, foi trabalhar em uma loja no *shopping* de sua cidade. Enxergava fazer mais sentido aprender algum ofício para obter sua independência financeira do que se formar em uma universidade logo cedo. O gosto pelo comércio distanciou o sr. Patriota da Academia nos primeiros anos de sua vida adulta. Aos trancos e barrancos, entre erros e tropeços, foi criando seu próprio negócio. Dez anos mais

tarde, entrou na faculdade para melhorar o próprio negócio, quando decidiu fazer o curso de Administração, e teve acesso a autores como Hayek (2022) e toda a escola austríaca de economia, que moldaram nele o pensamento de que a máquina pública sempre acaba amarrando a mão invisível do mercado de Adam Smith.

A trajetória do sr. Patriota fez com que este enxergasse o Estado mais como um problema do que uma solução. No começo da vida empreendedora, não entendia por que devia pagar tantos impostos, considerava tudo relacionado com o governo demasiadamente burocrático, e sempre que tentava expandir seus negócios, encontrava barreira nos meandros tributários da legislação de Utopia.

FIGURA 7 Poster adorado pelo sr. Patriota: o Estado Elefante



FONTE: Adaptada pelos autores.

Passou a conversar com os demais comerciantes de sua região, com o intuito de encontrar soluções para o problema de sua empresa. Logo ficou claro, ao menos para ele, que os demais empresários passavam por dificuldades semelhantes. Aquele adolescente sem graça havia ficado para trás, e a necessidade de honrar seus compromissos no fim do mês o estimulou a organizar encontros recorrentes com os demais comerciantes. Naturalmente, tornou-se um rosto conhecido entre os seus. Esse reconhecimento envaideceu o sr. Patriota e, antecipando um futuro próximo, começou a flertar com a carreira política.

Em um desses encontros com os empresários de sua região, foi apresentado ao partido de direita Menos é Mais. Bem, o resto da história vocês já conseguem prever.

BANCO X, MISSÃO DADA É MISSÃO... “COMPRIDA”...

FIGURA 8 Mascote do banco X



FONTE: Elaborada pelos autores.

Mal se sentou na cadeira de presidente, sr. Nem-nem foi instado a resolver seu primeiro impasse: afinal, quem presidiria o Banco X?

Poucos meses antes da eleição, Utopia havia sido assolada por um problema sem precedentes: uma pandemia devastadora, que causou a morte de milhares de pessoas. Como alternativa para conter o avanço da doença, uma medida drástica foi tomada pelo governo: era necessário restringir a mobilidade urbana para conter a propagação do vírus.

Empregos perdidos, estoques estragados, máquinas paradas. Utopia estava à beira do colapso. O presidente à época, com o intuito de mitigar parte do problema, implantou o pagamento de um auxílio temporário para ajudar a população a sair daquela situação. No meio do problema, outro problema: “Afinal, quem conseguirá realizar tamanha operação?”

Ao sondar os bancos privados para operacionalizar o pagamento, não se viu grande interesse por parte desses. E por que haveria interesse, já que se tratava de uma atividade que não seria lucrativa aos olhos dos bancos privados? Ficou a cargo do Banco X o desafio de cumprir a missão, pois que alternativa lhe sobraria sendo esse um banco público?

A verdade é que não apenas conseguiu, como o fez com maestria. Em poucas semanas, e de forma 100% digital, o banco estava pronto para realizar a operação mais desafiadora de sua história. Foram meses de pandemia, trabalho árduo e muitos desafios.

FIGURA 9 Logotipo auxílio emergencial



FONTE: Elaborada pelos autores.

Passada a crise, é óbvio que a conta chega, e não seria diferente com o Banco X.

COMPRAR OU VENDER?

O período eleitoral foi um desastre, para dizer o mínimo. Em razão da falta de repertório dos candidatos, os rumos dos debates caminharam para um local obscuro: o temido “quanto pior, melhor!!!”

Como dito anteriormente, Utopia estava polarizada. Os candidatos “opostos” gastaram os últimos meses de sua campanha não mais tratando de suas propostas (se é que existiam), mas focados em encontrar, no posicionamento do oponente, os maiores problemas possíveis.

A proximidade com a pandemia colocou o Banco X no centro do debate. Para o sr. Patriota, à luz de todo o trabalho feito durante aquele momento tão complexo para o país, ficava evidente que a mão do Estado evidenciava problemas graves na gestão pública: falta de eficiência levando a resultados distantes daqueles conquistados pelo setor privado. Sr. Patriota dizia aos quatro ventos:

– É notório que a gestão privada leva a melhores respostas. Observemos os resultados do Banco X perante os bancos privados. Mesmo durante a pandemia, os bancos privados tiveram resultados históricos. A gestão privada leva à preocupação constante com eficiência, rentabilidade e melhor alocação dos seus ativos. Precisamos tirar o Estado da frente. O Banco X precisa ser privatizado. A privatização levará a ganhos de eficiência, governança e melhores desempenhos, aumentando o lucro do banco, e, na última ponta, de volta para o próprio governo, na forma de dividendos. Com os dividendos, o Estado pode priorizar o uso dos recursos em políticas públicas que reflitam melhorias para a sociedade.

Sr. Patriota era pragmático: acreditava em um sistema de economia de mercado. Para ele, as premissas mais marcantes eram: propriedade privada dos meios e recursos de produção, liberdade de escolha e de concorrência, os preços e lucros eram determinados pela relação entre oferta e demanda e a intervenção do Estado não deveria ser mínima, deveria ser nenhuma.

Para o sr. Canhoto, cada vez que o sr. Patriota trazia esse argumento de comparação dos resultados do Banco X com os de bancos privados, o sangue lhe subia à cabeça, e ele vociferava que era um completo absurdo pensar em um banco ter lucros do tamanho dos lucros dos bancos privados em um momento tão delicado e enquanto tantas pessoas passavam necessidades. Pensava ele que era justamente o contrário, porque é nesse momento que fica mais evidente a necessidade de haver um banco público, para ser o agente de mudança de um país tão desigual como o Utopia.

FIGURA 10 Debate entre canhotos e patriotas sempre são acalorados



FONTE: Rallo (2022).

O ponto central é que o conflito ideológico de ambos os lados não ajudou os eleitores a entenderem quais os rumos que Utopia tomaria caso algum dos dois rivais fosse eleito, pois, embora estivesse claro, em cada cenário, o destino do Banco X, não ficava claro o que aconteceria depois, afinal, não havia propostas ou programas de governo bem definidos.

Para o presidente eleito, sr. Nem-nem, não restava outra saída senão chamar os dois candidatos derrotados nas urnas para tentar entender o que pensavam, e, assim, traçar os destinos de Utopia e do Banco X (não necessariamente nessa ordem).

O ENCONTRO

Ao chegar à capital, o sr. Patriota, que havia aceitado conversar com o sr. Nem-nem, de última hora, pois estava recluso desde a derrota nas urnas, olha em volta e rememora o período da campanha, pensa se poderia ter feito algo diferente que o levasse à vitória. Não se conformara com o fato de que a maioria da população não enxergava como ele era a melhor opção para Utopia. E estava um tanto aliviado de o sr. Canhoto não ter se sagrado vitorioso nas eleições, pois tinha flagrante despreço por aquele candidato, cujos valores e ideologia entendia serem opostos aos seus.

FIGURA 11 Mas, os debates políticos são muito interessantes!



FONTE: Guimarães (2013).

“Voltar à capital! Que bom que não é para ficar perto daquele sr. Canhoto novamente...”, pensou o sr. Patriota, pois da última vez que estivera na cidade foi para um debate pré-eleições, e mal sabia ele que estaria frente a frente com aquele senhor outra vez, em algumas horas. “Voltar aqui pode valer a pena, quem sabe não surge uma oportunidade para mim em algum ministério... Ou ainda, quem sabe não consigo convencer o sr. Nem-nem que eu deveria assumir a presidência do Banco X e iniciar o projeto de privatização”, pensou ele, que esboçava certo entusiasmo por conta da expectativa do convite para a conversa com o novo presidente.

O sr. Canhoto, ao desembarcar na capital de Utopia, ainda se perguntava o que o sr. Nem-nem queria com ele. “Será que serei o novo presidente do Banco X?” No caminho até o local do encontro com o presidente, passou por alguns eleitores do sr. Patriota, o que o fez lembrar o quanto desprezava os pensamentos do sr. Patriota. Também não sabia a surpresa que o aguardava.

Em relação ao sr. Nem-nem, tanto o sr. Canhoto quanto o sr. Patriota não possuíam nenhuma rivalidade, na verdade não o consideravam um candidato que pudesse ganhar as eleições, mas o convite pareceu uma boa oportunidade de ganhar algum espaço no novo governo. Nesse ponto o sr. Patriota e o sr. Canhoto convergiam e à medida que se aproximavam do Palácio Utópico (residência oficial do presidente de Utopia) ambos pensavam consigo mesmos, “como o sr. Nem-nem foi ganhar essa eleição?”.

O sr. Patriota chegou primeiro ao local do encontro, viu que, pelo horário, ainda estava cedo, faltavam mais de uma hora para a reunião com o presidente, e decidiu, então, dar uma volta pela capital, antes da reunião. Passou em um *shopping center* próximo ao Palácio Utópico e aproveitou para fazer um lanche. Já o sr. Canhoto, atrasou-se para o encontro, em virtude da confusão da qual participou com alguns apoiadores do Sr. Patriota que estavam acampados na cidade, ainda inconformados com a derrota nas eleições, e esses apoiadores mais fanáticos culpavam o sr. Canhoto pela derrota do sr. Patriota. Esses eleitores, ao ver o sr. Canhoto se dirigir ao Palácio Utópico, começaram a hostilizá-lo de forma que quase chegaram a agredir o sr. Canhoto, que teve de desviar seu caminho para garantir que chegaria em segurança até o encontro.

Nesse ínterim, no Palácio Utópico, a sala Elíptica é o gabinete principal do presidente de Utopia, que possui esse nome em razão de seu formato e é usada para receber chefes de Estado e pessoas importantes para reuniões com o presidente. A reunião com o sr. Canhoto e com o sr. Patriota seria ali. Enquanto não chegava a hora da reunião, sr. Nem-nem estava pensativo.

“Será que foi uma boa ideia juntar os dois aqui?”, pensava o presidente. “Será que eu deveria ter avisado a cada um da presença do outro?... Mas, aí, não aceitariam vir...”, perguntava-se o sr. Nem-nem.

O primeiro a chegar foi o sr. Patriota que, após deixar o *shopping*, dirigiu-se ao palácio para o encontro. O sr. Canhoto iria se atrasar alguns minutos em virtude do desvio de caminho que tivera de fazer.

Ao entrar na sala Elíptica e avistar o presidente, pensou o sr. Patriota, “eu é que deveria estar sentado naquela cadeira, mas vamos ver qual vai ser o convite...”

– Seja bem-vindo, fez boa viagem? – perguntou o presidente.

– Obrigado, sr. presidente, fiz, sim – respondeu o sr. Patriota, e continuou de forma direta

– Então, a que devo esse convite para vir até aqui?

O presidente então respondeu:

– Preciso de sua ajuda para traçar o destino do Banco X, fundamental para definir os rumos da economia de Utopia.

Na hora, passou pela cabeça do sr. Patriota que, enfim, ele poderia seguir sua estratégia de privatizar o Banco X, não como presidente da República, como ele gostaria, mas pelo menos à frente do banco.

– Peço-lhe para aguardar só um pouco mais antes de começarmos, pois estamos aguardando outro convidado que se atrasou um pouco em consequência de um contratempo no caminho, mas que está chegando para juntar-se a nós – disse o presidente.

– Outro convidado? Quem? – perguntou o sr. Patriota.

Por um instante, ele ficou na dúvida se o outro convidado já seria o ministro da Economia (ainda não divulgado), seu futuro chefe, se ele assumisse o Banco X, ou se seria o presidente do Banco X e ele seria o ministro da Economia de Utopia. Para ele não havia outra opção.

– Já deve estar chegando, mas gostaria de lhe agradecer ter se deslocado até aqui – desconversou o sr. Nem-nem.

Quando as portas da Sala Elíptica se abriram e os seguranças abriram caminho, entrou na sala o Sr. Canhoto daquele jeito espalhafatoso que só ele tem (o oposto do sr. Patriota, mais sisudo e com semblante geralmente sério).

– Desculpe o atraso, sr. presidente, como pedi para avisar, quase fui agredido por uns apoiadores daquele louco do sr. Patriota que estavam “acampados” no caminho para cá, imagine só!

Quando o sr. Patriota virou sua cadeira (quase tombando para trás), ambos esbugalharam seus olhos:

– Você aqui?! – disseram os dois ao mesmo tempo, quase unissonamente.

– Seja bem-vindo sr. Canhoto. Primeiro, agradeço a prontidão dos senhores quanto ao meu pedido. Em segundo lugar, peço desculpas por não os ter avisado que a reunião ocorreria com ambos, ao mesmo tempo. Ao longo de toda a minha campanha, deixei claro que priorizaria o diverso, estaria aberto a todos os pontos de vista, seria pragmático em minhas decisões, sempre buscando conciliar todas as visões possíveis. Esse é o principal objetivo deste encontro – disse o presidente em tom lúcido, porém firme. – Espero que as diferenças tenham ficado no passado e que possamos, agora, construir o governo que Utopia merece – continuou o sr. Nem-nem. – Convidei os senhores para falarmos sobre o futuro do Banco X, principal banco público do país e, em minha visão, fundamental para definição de minhas estratégias de governo.

– Isso é um disparate, um desrespeito à minha pessoa, sr. Nem-nem. Após um período eleitoral, no qual fui atacado e ofendido diariamente pelos arruaceiros do sr. Canhoto, o senhor espera que eu compartilhe com ele minhas visões em relação ao Banco X? – falou o sr. Patriota, impaciente, demonstrando que, talvez, a estratégia de juntar ambos tenha sido precipitada.

– Sabe, sr. Patriota, não esperava nada diferente de você – alegou o sr. Canhoto. – Talvez o senhor não esteja preparado para uma conversa franca com alguém mais inteligente e com propostas de interesse da população menos favorecida. Para o senhor, a argumentação se encerra na mesma ladainha de sempre: privatização e dinheiro no bolso dos banqueiros da Farinha de Limeira” – disse, fazendo alusão ao local, em Utopia, onde se encontram os principais bancos privados. – Senhor presidente, esse senhor não tem nada a acrescentar – continuou.

Furioso, sr. Patriota respondeu:

– Sr. Nem-nem, com todo o respeito à cadeira de presidente que ocupa, esse senhor quer entregar nosso país nas mãos daqueles que destruíram todas as nações por onde passaram. Ele defende o comunismo, quer acabar com a propriedade privada, estatizar todos os meios de produção, acabar com o livre comércio. Diga-me, sr. Canhoto, em qual lugar do mundo a “sua esquerda” funcionou?

– Sr. Patriota, eu costumo dizer que o maior medo de todo sujeito de direita é o comunismo existir e o segundo maior medo seria ele NÃO existir. Afinal, sem o medo do comunismo, você ficaria sem ter do que falar, afinal, o senhor nunca teve uma proposta, não é mesmo? A fobia da palavra comunismo é a versão adulta do medo do “bicho-papão” na mente das crianças – ironizou o sr. Canhoto.

FIGURA 12 Ânimos acirrados: debates também podem ser violentos



FONTE: Rosa (2021).

Aqui, cabe uma breve explicação para o leitor mais novo: bicho-papão é uma criatura mítica que pode assumir formas variadas, é a personificação do medo, e que, em resumo, surgiu como alternativa dos pais para assustar crianças e impedir que elas se tornassem desobedientes. Na fábula, o bicho-papão estaria sempre à espreita e seria atraído por crianças indisciplinadas. Isso posto, voltemos aos desentendimentos iniciais do primeiro encontro de nossos heróis.

– Para além dos meus entendimentos e intenções políticas, não abro mão da manutenção do Banco X como instituição pública. No que depender de mim, sr. Nem-nem, precisamos reviver a identidade do banco, eliminar metas abusivas, reduzir as taxas cobradas, aumentar a participação dos funcionários no lucro da empresa e melhorar a qualidade de vida dos funcionários, ao reduzir a jornada de trabalho. Os funcionários estão à beira de um colapso após a pandemia – completou sr. Canhoto.

– E o lucro, sabichão? Faça isso, e o banco quebrará! De que adianta um banco que faz apenas política pública e não apresenta resultados e desempenho compatíveis com o mercado? Somente com base em resultados sólidos, devemos estudar alguma redução de taxas. Enquanto não formos eficientes, cortarmos os gastos desnecessários, aumentarmos o desempenho financeiro, não devemos falar em execução de políticas públicas. Primeiro temos de buscar resultado, depois usamos a estrutura para ações do governo. Somente assim haverá perenidade das atividades do banco. Diga-me, sr. Canhoto, um banco quebrado, sem condições de se sustentar e gerar lucro, servirá para o que no futuro sendo apenas fonte de despesa? – respondeu sr. Patriota, com os nervos à flor da pele.

– Essa é a esquerda, sr. Nem-nem – complementou sr. Patriota. – Busca depredar o patrimônio público e consumi-lo em vez de melhorá-lo. Desempenho para eles é secundário. Onde já se viu sugerir redução de taxas sem antes termos um diagnóstico do que é sustentável para o banco? Os bancos privados bateram recordes de lucro, mesmo com a pandemia. Privatização é o caminho para a eficiência!

– Essa é a direita, senhor presidente: o que importa são os empresários e banqueiros. Seus interesses privados em detrimento da necessidade pública. Ganância no lugar da sociedade. Eu reforço que o banco deve, sim, abrir mão do lucro para ajudar os mais necessitados. Aliás, uma empresa pública jamais deveria almejar lucro. O que instituições públicas fazem e devem fazer sempre é investimento social! – trouxe o sr. Canhoto, fingindo fala calma em cima de um olhar colérico.

– Essa retórica não poderia ser pior, sr. Canhoto. Quando uma empresa pública dá lucro, esse lucro volta para o governo, em forma de dividendos, enriquecendo o próprio Estado. É no lucro que podemos nos basear para praticarmos as políticas públicas, sr. Canhoto. Isso fomentaria o desempenho dos funcionários, a busca por melhores resultados, com algo básico que o senhor não conhece: a eficiência da iniciativa privada. Sr. Nem-nem, insisto: com a privatização, o Banco X será o maior do país! – disse o sr. Patriota.

– Sr. Patriota, por que os bancos privados, que aumentaram seus lucros durante a pandemia, não ajudaram durante a crise? Eu lhe explico: para o banqueiro, apenas o lucro deles importa. Jamais um banco privado fará o que o Banco X pode e deve fazer – respondeu o sr. Canhoto. – Sem a atuação do Banco X, milhares de pessoas ficariam à mercê do tempo. E isso somente foi possível pela atuação da instituição como empresa pública... A fome não espera, sr. Patriota. E cabe ao Estado prover as condições não apenas mínimas, mas necessárias para a população vulnerável. Diga-me, sr. Patriota, qual banco privado teve a iniciativa de auxiliar a população, em momento tão hostil como o vivido?

FIGURA 13 Slogan da campanha ação da cidadania: quem tem fome tem pressa



FONTE: Equipe ONB (2021).

– Sr. Canhoto, o senhor não entende absolutamente a dinâmica do mercado. Os bancos aumentaram o número de clientes, melhoraram seus números financeiros, deram resultados jamais vistos. E tudo isso foi possível graças à livre concorrência, à autorregulação do mercado, à iniciativa privada. Não precisamos do peso do Estado nos ombros das empresas.

– O senhor foge da minha pergunta, sr. Patriota. Por que os bancos não disponibilizaram sua estrutura para apoiar a população nos atendimentos necessários durante a pandemia? Eu explico: o interesse privado é distinto da necessidade social. Para além do enriquecimento dos acionistas, um banco público tem compromisso com a sociedade. Duvido que seus amigos banqueiros recebam a classe menos assistida em seus bancos.

Sr. Nem-nem acompanhava, de forma serena, o pinga-fogo entre os dois “conselheiros”. Ao ficar apenas observando, percebeu algo interessante: os dois estavam genuinamente interessados em uma boa solução. Queriam o melhor caminho para o Banco X. Não se tratava do que a imprensa sensacionalista plantava: dois políticos extremistas e sedentos por poder. Ali, quase que invisível, esquecido no meio de um debate acalorado, sr. Nem-nem concluiu que os dois eram coerentes em suas colocações.

“Ora”, pensou o sr. Nem-nem, “de fato, o banco, ao promover lucro, aumentaria a arrecadação do governo, seria mais sustentável e perene, otimizando a execução das políticas públicas com fôlego e tranquilidade. Por outro lado, termos, no DNA do banco, a execução de políticas, coloca-nos em um patamar único perante as demais instituições financeiras privadas, os dois me parecem estar certos”.

FIGURA 14 Qual direção seguir?



FONTE: Cunha (2021).

– Senhores, proponho-lhes um desafio – iniciou o presidente. – Muito ouvi dos senhores e agradeço a confiança. Minhas dúvidas e questionamentos foram estimulados ao ouvi-los tratar o tema com tanto entusiasmo. Vocês aceitariam compor o meu time durante este governo? Comprometo-me a mantê-los no primeiro escalão, caso tenham interesse.

É fato que ambos estavam desesperados. A campanha eleitoral consumiu recursos que eles não possuíam. Estavam disponíveis para o mercado, mas possuíam interesse legítimo em estar no meio político pelos próximos anos. Além disso, não sentiam desafeto pelo sr. Nem-nem, tampouco pelo seu partido.

O convite veio em meio a um turbilhão de emoções, afinal, a conversa entre os dois estava caminhando para um ponto nada amistoso. Sr. Nem-nem aprendeu com a vida o *timing* para fazer propostas desse tipo.

– Aceitam a proposta? – questionou o sr. Nem-nem.

– Prontamente – o sr. Canhoto respondeu. – Com muito prazer, senhor presidente. Antes eu do que este sujeito aqui!!!

Sr. Patriota, furioso, também sinalizou interesse. Naquele momento, mais como medida para infernizar seu concorrente do que por amor à causa.

– Tenho uma condição: elaborem uma proposta que traga o melhor de cada ponto de vista dos senhores. Também quero que façam o exercício de trazer os piores efeitos colaterais possíveis, coloquem na mesa as condições inegociáveis e lhes darei uma semana. Vemo-nos em sete dias – disse o sr. Nem-nem, rapidamente, ao retirar-se da sala, evitando, assim, novos questionamentos.

E AGORA, VIRAMOS PARA A DIREITA?

Assim como no processo eleitoral, o sr. Canhoto e o sr. Patriota estavam mais interessados em evidenciar os pontos negativos um do outro do que elucidar seus pontos positivos para o governo. Na campanha, isso ficou claro, e, assim como naquele momento, os dois candidatos derrotados em vez de buscarem uma proposta que trouxesse, como pedido pelo sr. Nem-nem, os piores efeitos colaterais de suas propostas, estavam mais interessados nos efeitos colaterais da proposta do outro.

Ao voltar da capital de Utopia, o sr. Patriota foi ao encontro de alguns amigos banqueiros da Farinha Limeira para obter apoio para elaborar sua proposta, de forma que ninguém melhor do que os banqueiros dos principais bancos para ajudarem-no a desenhar o melhor caminho para o Banco X. Ao mesmo tempo, foi atrás de alguns amigos da faculdade de administração, pela qual se formou, para ajudarem-no a elaborar tecnicamente uma desconstrução do modelo de banco público. Seus amigos foram buscar embasamento em trabalhos científicos sobre administração pública.

Prontamente recebeu alguns rascunhos que embasariam sua proposta ao presidente:

– Sr. Patriota, penso que uma breve contextualização histórica ajude o sr. Nem-nem em sua decisão, segue, portanto, minha contribuição – falou sua assessora, a sra. Destra.

Assim começava sua carta:

Excelentíssimo senhor presidente da República, é com muito entusiasmo que redijo minha proposta para o Banco X. Antes de entrar nos pormenores, gostaria de apresentar ao senhor os fundamentos do meu pensamento e trazer, de forma breve, o resumo daqueles que ajudaram a moldar meu intelecto.

Sr. Nem-nem, muito se fala da direita, mas poucos conhecem seus principais atores, então, permita-me apresentar as principais correntes e seus pensadores. Aqui, destaco aquelas nas quais dediquei-me por algum tempo, sem a pretensão, é claro, de esgotar toda a literatura:

1. Conservadorismo (século XVIII): Teve como principais autores Edmund Burke (1729-1797) e Joseph de Maistre (1753-1821). O conservadorismo defende a preservação das tradições e instituições existentes e a limitação do poder do Estado. Edmund Burke é

considerado um dos principais pensadores conservadores e sua obra mais conhecida é Reflexões sobre a Revolução na França (1790), na qual critica a Revolução Francesa e argumenta que as mudanças radicais são perigosas para a sociedade e que as tradições e instituições devem ser preservadas.

2. Liberalismo clássico (século XVIII): John Locke (1632-1704), Adam Smith (1723-1790) e Jean-Baptiste Say (1767-1832) lideraram esse pensamento que defende a liberdade individual, a propriedade privada e o livre mercado, ao argumentar que o poder do Estado deve ser limitado e que a economia deve ser governada pelas leis do mercado. Nesse contexto, o mercado livre é a melhor maneira de alcançar a riqueza e a prosperidade econômica, e a igualdade é alcançada por meio da competição e não da igualdade forçada. Conhecido por sua teoria da oferta e da demanda, Jean-Baptiste Say defende a ideia de que a produção é a fonte da riqueza e que a economia deve ser baseada no livre mercado, sem interferências do Estado, conforme seu livro A Treatise on Political Economy (Tratado de economia política, tradução nossa), publicado em 1803. Amplamente considerado como o pai da economia moderna, Adam Smith é também um dos mais importantes pensadores do liberalismo. Em sua obra A riqueza das nações” (1776), defende a ideia de que o livre mercado é a melhor maneira de alcançar a riqueza e a prosperidade econômica, e que o papel do Estado deve ser limitado à manutenção da ordem e defesa da propriedade. Entretanto, John Locke, filósofo e pensador político inglês, autor do Two Treatises of Government (Dois tratados sobre o governo, tradução nossa), publicado em 1689, defende a teoria da propriedade e argumenta que todos os indivíduos têm direito a sua propriedade privada, e que o Estado deve garantir esse direito.

3. Neoliberalismo (século XX): Com base na defesa da livre iniciativa e do livre mercado, é centrado na ideia que a economia deve ser governada pelas leis do mercado, sem a intervenção estatal. Essa corrente acredita que a economia é uma entidade autorreguladora e que as forças do mercado, como a oferta e a procura, são capazes de alcançar o equilíbrio natural, sem a necessidade de regulamentação ou intervenção. Dessa forma, o papel do Estado estaria limitado a salvaguardar a propriedade privada, a concorrência e a estabilidade macroeconômica, e o setor privado seria o responsável pela alocação de recursos e pela produção de bens e serviços. Seus principais pensadores foram Milton Friedman (1912-2006) e Friedrich Hayek (1899-1992). Em seu livro O caminho da servidão (1944), Hayek argumenta que o socialismo e o intervencionismo estatal são caminhos para a ditadura. Milton Friedman, porém, defende em seu livro Capitalismo e liberdade (1962), a importância da liberdade econômica como base para a liberdade política.

Esses pensadores, sr. Nem-nem, fundamentam o meu ponto de vista, e suas teorias fornecem uma base para os argumentos políticos e econômicos que defendo. Trata-se das mentes mais influentes para a formação de opiniões políticas conservadoras e liberais.

Apesar de ter ficado com um pouco de preguiça com tanto texto, o sr. Patriota achou que isso ajudaria a demonstrar alguma erudição de sua parte.

– Também fiz minhas contribuições, chefe!!! Elenquei as principais vantagens para a privatização do Banco X – falou prontamente o sr. Conservador, outro assistente do sr. Patriota. Quem observasse a cena certamente diria haver uma pequena rixa entre os assessores. – Lerei para o senhor.

Excelentíssimo senhor presidente da República, para além das questões teóricas citadas anteriormente, nós, empresários, defendemos a importância da livre iniciativa e do mercado livre para o desenvolvimento econômico e social.

Parafraseando o mestre Adam Smith, a “mão invisível” do mercado é suficiente para guiar a economia, sem a necessidade de interferência governamental, e este é o melhor caminho para maximizar a produção e o bem-estar dos indivíduos.

A centralização econômica e o controle governamental são fontes de ineficiência e de erros no mercado, afinal, a economia centralizada é propensa a erros, pois é impossível a ela conhecer todas as informações relevantes para a tomada de decisões eficientes.

Defendo a privatização do Banco X como forma de aumentar sua eficiência econômica. A presença do setor público na economia tende a criar barreiras para a entrada de novos competidores e a inibir a inovação. A seguir elenco os benefícios de minha proposta:

- 1. Melhoria da eficiência: Bancos públicos podem ser menos eficientes do que os bancos privados, já que eles podem estar sujeitos a interferência política e burocracia. A privatização pode levar a uma melhoria na eficiência dos bancos, já que os bancos privados têm incentivos para maximizar lucros e reduzir custos.*
- 2. Aumento da competição: A privatização pode aumentar a competição no setor bancário, o que pode levar a melhores preços e serviços para os clientes.*
- 3. Injeção de capital: A privatização pode injetar novos recursos financeiros nos bancos, o que pode ajudar a melhorar sua capacidade de emprestar e investir.*
- 4. Redução do risco para o Estado: Bancos públicos podem ser considerados como um risco para o Estado, pois podem ser usados como ferramentas para políticas governamentais e ser afetados pela falta de regulamentação. A privatização pode reduzir esse risco, já que os bancos privados são propriedade de particulares e não afetam diretamente o Estado. Além disso, em caso de prejuízo, este não gera nenhum impacto para os cofres do governo.*
- 5. Melhoria do índice de governança: A privatização pode melhorar a governança dos bancos, já que os bancos privados são geralmente submetidos a um maior controle de seus acionistas e reguladores.*

Além dos pontos citados, a proposta do Sr. Patriota tinha como fundamento privatizar o Banco X e manter uma participação minoritária no banco, de forma a trazer dividendos para o governo de Utopia. Na sua proposta, com o banco privatizado, poderiam ser descentralizadas as ações sociais (que seriam as mínimas possíveis), pois, para usar um banco com a finalidade de atingir um objetivo social, o governo deveria tornar aquele objetivo lucrativo para que os bancos entrassem em disputa para fazê-lo. Isso teria um gasto adicional para o governo, mas, na sua ótica, era factível por serem ações pontuais, já que defende uma redução nas políticas públicas e traz números em sua proposta para mostrar que os dividendos, que ganharia com um banco muito mais lucrativo (sob o controle privado), compensariam esse gasto adicional para descentralizar as (poucas, agora) ações sociais nos demais bancos privados.

Para desconstruir os argumentos que o Sr. Canhoto levou para a reunião com o sr. Nem Nem, o sr. Patriota levou uma proposta ainda mais elaborada e argumentou que o Banco X não teria muito tempo antes de quebrar, caso decidisse reduzir juros e manter as ações sociais

que já desenvolve. Seria necessário obter aportes financeiros do governo para ficar de pé, o que seria mais caro para o governo de Utopia. Ensejaria um aumento na arrecadação tributária e geraria mais descontentamento da população, além de suscitar mais ineficiência para a economia.

O controle do banco pelo governo dificultaria seu método de governança em virtude de ampliar o problema de agente, trazido em Michael Jensen e William Meckling (1976), no qual há dificuldade de assegurar que os executores delegados atuem no interesse do controlador (no caso, os empregados públicos são delegados a cumprir o interesse público do governo), visto que a maior estabilidade do servidor e o fato de o controlador ser o governo, que possui diversos outros assuntos e problemas para gerenciar, acaba dando margem para o aumento de ineficiência por maior risco de desvio de finalidade e de corrupção.

O mercado deve se autorregular; políticas públicas demais tendem a trazer mais ineficiência, pois há uma dificuldade na mensuração dos seus benefícios. Avaliar, friamente, se uma política pública é eficaz para o objetivo traçado ou se está sendo desperdício de dinheiro público que poderia ser devolvido, com menos tributação, para arcar com essa política pública, é algo difícil e caberia ao governo fazê-lo, mas a partir do momento que se tem um banco público executando essa política o banco passa a se encarregar dessa tarefa, o que conflita com diversos outros negócios bancários e afasta cada vez mais o conceito de banco. Os problemas e desafios para se avaliar uma política pública são trazidos em Evert Vedung (2017).

...OU O MELHOR CAMINHO SERIA O DA ESQUERDA?

Ao sair da reunião com o presidente, o sr. Canhoto tinha sua proposta muito clara, precisava apenas colocá-la no papel, com a ajuda dos membros do seu partido, especialistas em políticas públicas. Mas assim como o sr. Patriota, ele também decidiu desconstruir tecnicamente as propostas de um Banco X, privatizado e orientado para o resultado financeiro. Buscou especialistas no assunto, seus amigos, muitos dos principais professores de economia de escolas marxistas a keynesianas.

O pensamento keynesiano faz parte de uma escola de pensamento econômico que se desenvolveu com base nas teorias de John Maynard Keynes (2017), publicadas no seu livro *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*, em 1936. Nesse contexto, foi proposto que o Estado deveria intervir na economia para garantir o pleno emprego e a estabilidade dos preços. Isso poderia ser feito por meio de políticas fiscais e monetárias, como investimentos em infraestrutura, redução de impostos, aumento do gasto público e controle da taxa de juros. A ideia era que essas políticas pudessem estimular a economia e combater a recessão.

O sr. Canhoto ficou na capital de Utopia, onde foi se encontrar com membros do seu partido e, também, marcou de conversar com alguns professores de economia para elaborar sua proposta para o Banco X. Enquanto consolidava todas as informações, sr. Canhoto não hesitou em rascunhar o início de sua proposta, indo direto ao ponto:

Estimado senhor presidente da República, em respeito ao seu tempo, serei direto, sem muitas delongas. Baseei minha proposta em duas grandes óticas:

Sob a ótica marxista, a manutenção do Banco X como público é importante, pois ajudará a desafiar e a desestabilizar o poder econômico das classes capitalistas.

Como o senhor sabe, o capitalismo é marcado pela desigualdade estrutural entre os proprietários dos meios de produção e os trabalhadores, o que leva à exploração dos trabalhadores pelos capitalistas. Os bancos privados, controlados pelos capitalistas, têm o poder de controlar o fluxo de crédito, conseqüentemente, os investimentos e a produção.

O Banco X, por outro lado, ao se encontrar sob o controle do Estado, significa que é usado para a promoção de políticas econômicas que beneficiem os trabalhadores e desafiem o poder econômico das classes capitalistas. Por exemplo, apenas o Banco X poderia fornecer crédito a juros mais baixos para empresas estatais e cooperativas, o que pode ajudar a desenvolver a economia e aumentar a participação dos trabalhadores nos lucros. Além disso, os bancos públicos podem ser usados para investir em infraestrutura pública e desenvolvimento social, o que pode melhorar as condições de vida dos trabalhadores e ajudar a reduzir a desigualdade econômica.

Sob a ótica keynesiana, a manutenção do Banco X como público é ainda mais evidente, pois ele pode desempenhar um papel fundamental na implementação de políticas econômicas expansionistas.

*De acordo com o livro *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*, de John Maynard Keynes, os bancos públicos têm a capacidade de fornecer crédito a juros mais baixos para setores estratégicos da economia, como infraestrutura, produção e comércio, estimular o crescimento econômico e aumentar a demanda por empregos. Além disso, o banco público também pode ajudar a estabilizar a economia, ao fornecer financiamento em momentos de crise.*

Senhor presidente, como apresentado por Paul Davidson, os bancos públicos são fundamentais para assegurar a estabilidade financeira e a estabilidade dos preços, além de fornecer financiamento para setores da economia que podem ter dificuldade de obter crédito pelos bancos privados. O Banco X pode, ainda, atuar como regulador do sistema financeiro e evitar a concentração do poder econômico nas mãos de poucas instituições.

Assim, sem meias palavras, o sr. Canhoto começou sua proposta.

Seguiu, como já havia falado antes, ao prever um banco totalmente público e voltado para as ações sociais. Levantou números para mostrar que os lucros dos bancos privados seriam exorbitantes e construídos em razão de um oligopólio, ou seja, pouca competição entre eles. Isso, por si só, já caracteriza uma falha de mercado que contrapõe a teoria liberal. Na proposta, o Banco X seria o banco que corrigiria essa falha, pois, na sua vertente comercial, a partir do momento que o banco reduz suas taxas, obrigaria seus competidores a fazerem o mesmo, reduziria o lucro dos bancos privados e transferiria esse benefício para a população. Além disso, o Banco X precisaria investir ainda mais nas ações sociais, como moradia popular, condições mais favoráveis para a população de menor renda tomar crédito e destinar parte do seu lucro para transferência direta de renda em ações sociais, como investimento em hospitais e em construção de outros bens públicos.

Na ótica econômica, existiriam estudos científicos que indicam uma relação negativa entre desigualdade social e crescimento econômico, como pode ser visto em François Bourguignon (2004). A lógica seria que a população de menor renda tem pouco acesso a crédito e, com isso, há maior dificuldade em empreender. Isso leva os bancos a dispor de um volume de crédito aquém do seu potencial e, pela teoria *finance-growth-nexus* (teoria de que haveria evidências de impacto positivo entre o crescimento de crédito de uma região e o seu crescimento econômico, conforme

trazido por Panicos Demetriades e Khaled Hussein (1996), levaria o país a um crescimento abaixo do seu potencial. Portanto, para o crescimento de Utopia, o Banco X teria de atuar com foco no social, mesmo que isso custasse uma redução significativa do lucro.

Para endereçar as falas do Sr. Patriota, na reunião com o presidente, o Sr. Canhoto estava convicto de que já reunira todos os elementos para desconstruir a ideia de privatizar o Banco X. Afinal, Utopia precisava de um banco social e, se fosse necessário que o governo subsidiasse os programas sociais, para que com o lucro reduzido do Banco X ainda fosse possível pagar a estrutura do banco e os salários dos empregados, o governo poderia fazer uma reforma tributária para gerar mais arrecadação para Utopia, que criasse impostos progressivos, obviamente, ou seja, os ricos pagariam mais impostos.

ALGUÉM PODERIA ME DIZER PARA ONDE VAMOS?

A verdade é que essa não é uma história com final feliz como as centenas de milhares de histórias que vemos por aí.

Segundos antes de o sr. Nem-nem reencontrar nossos dois anti-heróis, sr. Patriota e sr. Canhoto, um problema “daqueles” surgiu em Utopia. Sr. Nem-nem não pôde encontrá-los, mas fez questão de pegar suas propostas para tomar ciência durante o voo.

Sr. Nem-nem aproveitou o período da viagem para ler, com toda calma possível. Sua experiência o fez aprender a filtrar o que importa, extrair o relevante e não ficar seduzido pelo conflito.

Após a leitura, seguiu com alguma esperança e uma grande angústia: concordava e muito com ambos os pontos de vista. Entendia que ambas as propostas eram coerentes, mas seguia angustiado por não concluir, em definitivo, sua estratégia. Dessa forma, saiu com a certeza de abrir o debate com base em dois pontos apresentados para chegar ao melhor consenso. Assim, algumas questões deverão ser definidas com relação ao Banco X:

1. Afinal, um banco público deve ter lucro ou apenas executar políticas públicas?
2. Devemos espremer o *spread* financeiro independentemente da situação financeira do banco e sempre buscar reduzir taxas e tarifas de crédito?
3. Caso o banco dê prejuízo, por ser público, o governo deverá aportar recursos mesmo em caso de ineficiência?
4. É possível mesclar uma iniciativa de governança robusta, abertura de capital privado e ainda assim manter uma parte considerável como empresa pública?
5. Há alternativas para a manutenção de um modelo híbrido de governança ao adotar as melhores práticas públicas e privadas, ao mesmo tempo?
6. Como o pensamento político partidário pode influenciar nas estratégias do Banco X?
7. Como resolver o problema de Utopia com relação ao Banco X?

MATERIAL DE VÍDEO

O caso de ensino possui um material de vídeo disponível em:

<https://periodicos.fgv.br/reta/article/view/91481/85929>

REFERÊNCIAS

- BOURGUIGNON, F. **The poverty-growth-inequality triangle** (Working Paper, nº 28102). The World Bank, 2004. Disponível em: <https://documents1.worldbank.org/curated/pt/449711468762020101/pdf/28102.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2024.
- CAMPBELL, J. **Joseph Campbell vida e obra**. Editora Agora, 2003.
- CUNHA, A. Nem esquerda, nem direita. Vamos seguir em frente. **Correio Braziliense**, 28 jan. 2021. Disponível em: <https://blogs.correiobraziliense.com.br/aricunha/nem-esquerda-nem-direita-vamos-seguir-em-frente/>. Acesso em: 08 jul. 2024.
- DEMETRIADES, P. O.; HUSSEIN, K. A. Does financial development cause economic growth? Time-series evidence from 16 countries. **Journal of development Economics**, v. 51 n. 2, p. 387-411, 1996. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0304-3878\(96\)00421-X](https://doi.org/10.1016/S0304-3878(96)00421-X). Acesso em: 08 jul. 2024.
- EQUIPE ONB. De cada 10 casas brasileiras, 6 vivem insegurança alimentar. **Organic News Brasil**, 17 abr. 2021. Disponível em: <https://organicsnewsbrasil.com.br/de-cada-10-casas-brasileiras-6-vivem-inseguranca-alimentar/>. Acesso em: 08 jul. 2024.
- FERNANDES, T. Z. Socialismo e seus desdobramentos. **Blog Prof. Tathy**, 25 maio, 2014. Disponível em: <https://prof-tathy.blogspot.com/2014/05/revisao-para-o-2-ano.html>. Acesso em: 08 jul. 2024.
- GUIMARÃES, E. A discordância no Blog. **Blog da Cidadania**, 12 mar. 2013. Disponível em: <https://blogdacidadania.com.br/2013/03/a-discordancia-no-blog/>. Acesso em: 08 jul. 2024.
- HAYEK, F. **O caminho da servidão**. LVM Editora, 2022.
- JENSEN, M. C.; MECKLING, W. H. Theory of firm: managerial behavior, agency cost and ownership structure. **Journal of Financial Economics**, v. 3, p. 305-360, 1976. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0304-405X\(76\)90026-X](https://doi.org/10.1016/0304-405X(76)90026-X). Acesso em: 08 jul. 2024.
- KEYNES, J. M. **Teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. Ed. Saraiva, 2017.
- QUEIROZ, G.; QUINTELLA, S. Prédio famoso pelo contraste com comunidade enfrenta dívidas e processos. **Veja**, 16 fev. 2024. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/predio-morumbi-desigualdade-social-favela-piscina>. Acesso em: 08 jul. 2024.
- RALLO, J. A democracia é um arranjo contraditório e propício a gerar divisões, conflitos e desastres. **Mises Brasil**, 11 jul. 2022. Disponível em: <https://mises.org.br/artigos/2697/a-democracia-e-um-arranjo-contraditorio-e-propicio-a-gerar-divisoes-conflitos-e-desastres>. Acesso em: 08 jul. 2024.
- ROSA, J. A. **No BBB a esquerda se viu no espelho e não gostou. Qual é a sua opinião?**. Quora, 2021.
- VEDUNG, E. **Public Policy and Program Evaluation**. Ed. Routledge, 2017.

AUTORES

ANGELO MIGUEL DE BARROS

Doutor em Economia pela Universidade Católica de Brasília (UCB); Mestre em Matemática Aplicada a Finanças pelo Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA); Mestrando em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas (FGV EBAPE); Superintendente Nacional de Planejamento Financeiro na Caixa Econômica Federal. E-mail: angelo.barros@caixa.gov.br

EDUARDO DE JESUS PRADO JUNIOR

Mestrando em Administração Pública pela Fundação Getulio Vargas (FGV EBAPE); Especialista em Negócios, Governança e Inteligência de Dados na Caixa Econômica Federal. E-mail: eduardo.prado@caixa.gov.br

RENATO SILVA SIQUEIRA

Mestrando em Administração Pública pela Fundação Getulio Vargas (FGV EBAPE); Superintendente Nacional de Recuperação de Créditos de Atacado, Head of Distressed Assets na Caixa Econômica Federal. E-mail: renato.s.siqueira@caixa.gov.br

RODRIGO LUIZ SIAS DE AZEVEDO

Mestrando em Administração Pública pela Fundação Getulio Vargas (FGV EBAPE); Mestre em Economia pelo Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE-UFRJ); Economista da Área de Comércio Exterior do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). E-mail: rsias@bndes.gov.br

THIAGO GOMES DO NASCIMENTO

Doutorando em Administração pela Universidade de Bordeaux; Mestrando em Administração Pública pela Fundação Getulio Vargas (FGV EBAPE); Superintendente Nacional de Cenários Econômicos e Relações com Investidores na Caixa Econômica Federal. E-mail: thiago.g.nascimento@caixa.gov.br

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

ANGELO MIGUEL DE BARROS: Escrita - rascunho original (Igual); Escrita - revisão e edição (Igual).

EDUARDO DE JESUS PRADO JUNIOR: Escrita - rascunho original (Igual); Escrita - revisão e edição (Igual).

RENATO SILVA SIQUEIRA: Escrita - revisão e edição (Igual).

RODRIGO LUIZ SIAS DE AZEVEDO: Escrita - revisão e edição (Igual).

THIAGO GOMES DO NASCIMENTO: Escrita - rascunho original (Igual); Escrita - revisão e edição (Igual).

DISPONIBILIDADE DE DADOS

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento à CAIXA Econômica Federal pelo incentivo e financiamento do mestrado profissional *in company* que possibilitou este trabalho de pesquisa, bem como à FGV pela orientação da pesquisa que originou este caso de estudo.